

## Apresentação

Na presente dissertação ofereço uma análise do espetáculo teatral *Nu de Mim mesmo*, da Companhia Teatro Autônomo, estreado no Rio de Janeiro, em 2008, a partir da qual procuro desenvolver uma reflexão sobre dois pontos que considero cruciais no trabalho do grupo, e que aparecem radicalizados nesse objeto de análise. São eles, a *repetição* e o *excesso*. No âmbito da reflexão aqui empreendida, o *excesso* de materiais significantes parece apontar, paradoxalmente, para a impossibilidade de significar; e a *repetição* dos mesmos temas, tanto em suportes quanto em esferas ficcionais diversos, produz diferentes formas de veicular enunciados similares, estruturando aquilo que chamarei de *poética do balbucio*. Para tanto, servi-me de conceitos engendrados pelo filósofo tcheco Vilém Flusser em suas reflexões sobre a língua, a fotografia e a comunicação, bem como de algumas ideias do francês Roland Barthes, e da noção de tradução empreendida por Haroldo De Campos.

Desse modo, no primeiro capítulo, parti de uma escrita em primeira pessoa para partilhar com o leitor algumas das inquietações iniciais que fomentaram o desenvolvimento desta dissertação. Em seguida, quis oferecer um breve histórico da Companhia Teatro Autônomo, ressaltando o caráter processual de seu trabalho, que dá ênfase à pesquisa desenvolvida em continuidade na qual os espetáculos operam como “janelas” onde se expõe parcialmente o que desenvolvem ao longo do processo de criação.

No tópico seguinte, busquei introduzir algumas ideias de Vilém Flusser com as quais o presente trabalho pretende dialogar, apresentando em seguida alguns pressupostos que me levaram a empreender no segundo capítulo, além de uma simples descrição do objeto, uma experimentação conceitual, na tentativa de “encenar” alguns conceitos inerentes à estruturação do espetáculo, mais do que descrevê-los, já que o que está em questão aqui é a própria linguagem como tema, não apenas como instrumento de comunicação. Desse modo, minha narração do objeto se dá por múltiplas vozes que descrevem em primeira pessoa sua

experiência do evento teatral. A necessidade inicial incluir o leitor que não tenha assistido ao espetáculo, partilhando com ele a experiência que tive enquanto espectador. Mais do que falar do objeto, quis ressaltar o modo como ele se oferece a leituras múltiplas. Para dar conta de semelhante tarefa achei necessário pensar em procedimentos que ajudassem a construir um olhar descontínuo, inserindo na descrição alguns dos conceitos que considero estruturantes do trabalho. Ainda que a narração tenha implícita uma relação de contiguidade, descrevendo o objeto do início ao fim, procurei fragmentar ao máximo o olhar da primeira pessoa que narra, servindo-me de informações concretas obtidas na minha experiência enquanto espectador. Mais do que uma narração de eventos, o texto resultante busca recriar a experiência teatral.

Depois de expor meus pensamentos em primeira pessoa no primeiro capítulo, e fragmentá-la na tentativa de reconstituir a experiência da recepção do objeto estético no segundo capítulo, optei por desenvolver uma escrita impessoal no terceiro capítulo, pela qual trabalho, em quatro tópicos, os principais argumentos desta dissertação. No primeiro deles, retomando a discussão empreendida por Luiz Fernando Ramos em torno da oposição *dramático x espetacular*, busquei observar como as repetições ecoam tanto na estrutura dramática (ainda que não haja drama *strictu sensu*), quanto na materialidade do espetáculo, discutindo, para tanto, o estatuto do signo teatral. Entre a “representação” e a “apresentação”, tomei o teatro em duplo estatuto, como fato comunicativo, possibilitando esferas de conversação entre os intelectos, sem deixar de levar em conta seu estatuto tautológico de objeto estético.

No tópico seguinte busquei discutir os modos como a poética do grupo produz um apagamento das diferenças no interior de seu projeto estético, tanto em relação às fontes e inspirações do trabalho do grupo (as vidas de pessoas comuns), circunscrito pela cultura em espaços similares de saber social compartilhado, quanto em relação ao aspecto plástico do trabalho, que lança mão de distintos “efeitos de real”, apontando para “dentro” e para “fora” da ficção, o que ressalta tanto seu caráter de “informação semântica” quanto de “informação estética”.

No tópico 4.3. procurei expandir essa discussão para o terreno da imagem, ampliando as considerações de Vilém Flusser no âmbito de uma filosofia da

linguagem, para a relação com as imagens técnicas e outros *códigos* comunicativos, permitindo pensar a interação entre os diversos *códigos* apropriados pelo trabalho do grupo. No último tópico, inseri na discussão a ideia da “tradução” como processo pelo qual se realizam as passagens de uma esfera à outra, tomando emprestadas as noções de tradução elaboradas por Haroldo de Campos e Vilém Flusser, para relacioná-las com o conceito de *balbucio* sugerido por Roland Barthes, a partir do qual leio a poética do grupo.

Nas Considerações Finais, aponto alguns possíveis diálogos que ajudariam a desenvolver as questões problematizadas e parcialmente desenvolvidas neste trabalho, dando continuidade a minha pesquisa, privilegiando uma discussão a partir do conceito de *Ritornelo* apropriado por Gilles Deleuze e Felix Guattari, que foi fundamental para dar contorno ao meu recorte de *Nu de Mim Mesmo*.

Esta dissertação, de certo modo, “encena” o tema da repetição, em sua própria estrutura. As sucessivas reiterações que tentam organizar uma fala concisa apontam para a impossibilidade de tal empreendimento. A cada nova repetição insiro novos conceitos, apontando para outras possibilidades de articulação das questões trabalhadas. No entanto, a inadequação entre os materiais significantes (no caso desta dissertação, apenas palavras), e as potências do pensamento, forma uma lacuna, que Vilém Flusser expõe pela oposição entre *dado bruto e língua*. É sobre esta lacuna que a presente dissertação formulou o recorte pelo qual procurou refletir sobre o trabalho da Companhia fundada por Jefferson Miranda. O tema não pode deixar de contaminar a escrita, sem que isso fosse intencional, ao menos a princípio.